VIII Seminário de Pesquisa e Extensão | 2016
Extremo Sul da Bahia
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO E PRÁXIS
08 A 11 NOVEMBRO
REALIZAÇÃO: UNEB - CAMPUS X TEIXEIRA DE FREITAS
UNEB

UM CLICK NA ESCOLA: a relação dos sujeitos aprendentes com a fotografia

Gracielia Novaes da Penha[1]

RESUMO

Este trabalho integra uma pesquisa que se encontra em andamento no âmbito do curso de Mestrado, que tem como objetivo maior compreender o potencial formativo das produções visuais (fotografias) no processo de constituição cultural e leitora dos sujeitos. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, que se configura em um estudo de caso, desenvolvida no Colégio Estadual de Quixabeira, no município de Quixabeira-Bahia. O objeto de estudo são os álbuns fotográficos construídos pelos sujeitos aprendentes (estudantes) a partir da participação destes no projeto estruturante "Educação Patrimonial Artística" (EPA), promovido anualmente pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia nas escolas de ensino médio da rede. Essas produções são registros visuais do patrimônio cultural (material e imaterial) do lugar de vivência de cada sujeito envolvido, que são feitos com a câmara de seus dispositivos móvel (celular). Os procedimentos metodológicos utilizados foram à análise descritiva dos álbuns fotográficos e entrevistas do tipo semiestruturada com sujeitos aprendentes envolvidos. Assim, o presente texto traz os resultados da etapa preliminar da descrição reflexiva dos álbuns fotográficos, observando a relação desses sujeitos aprendentes com seu lugar e os aspectos socioculturais, que lhes são peculiares e se materializam nessas produções fotográficas. É importante notar que o estabelecimento das relações dessa trama é mediado pelas lentes fotográficas, não de câmeras, mas dos aparelhos de celular que na atualidade simboliza a velocidade das tecnologias de comunicação e informação tem exercido enorme influência sobre o comportamento e o interesse dos sujeitos, especialmente os mais jovens, inspirando novas formas de pensar e de comportar em sociedade. Tal estudo se baseia em autores como Suzan Sontag (2004), para quem a fotografia e sua história são concebidas sob um ponto de vista reflexivo e subjetivo que influencia drasticamente em seus significados e sua importância no cotidiano das pessoas, através da captação do real que é projetado e que deve ser interpretado pelo espectador-leitor. E ainda nos Estudos da Cultura Visual (ECV) em que a imagem é compreendida como portadora de significados inserida em contextos socioculturais e que contribui para a formação dos sujeitos contemporâneos, por isso Mirzoeff, (2003) um dos teóricos dessa abordagem tem a visualização como característica do mundo contemporâneo e toma a cultura como traço definidor dos estudos visuais, e, portanto, se refere a valores e identidades construídos e comunicados pela cultura via mediação visual, como também à natureza conflituosa desse visual devido aos seus mecanismos de inclusão e exclusão de processos identitários. Por sua vez Fernando Hernandez (2007) ao fazer o estudo sistemático da Cultura Visual traz a ideia de que esta pode proporcionar aos docentes e alunos uma compreensão crítica dos seus papéis e suas funções sociais, como também de suas relações de poder, indo além da simples apreciação ou do prazer que as imagens proporcionam, convergindo para formação de sujeitos interpretes e produtores de textos visuais críticos.

Palavras Chaves - Fotografia, linguagem imagética, cultura visual,

[1] Aluna regular do Curso do Mestrado Acadêmico em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) com área de concentração em Educação, Sociedade e Cultura; da linha 2 – Culturas, Formação e Práticas Pedagógicas. E-mail: g_penha@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que as mídias contemporâneas têm exercido enorme influência sobre o comportamento e o interesse dos sujeitos, especialmente os mais jovens, inspirando novas formas de pensar e de comportar em sociedade; em verdade, as novas mídias com o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação inauguram um novo "ethos" cultural que articula em um só corpo diferenças cultural, espaço-temporais e variados níveis intelectuais. Esta linguagem midiática que tem na imagem uma das principais formas de comunicação que circunda em todas as esferas da vida cotidiana é usada de diversas formas, para variados fins, em especial o mercadológico que leva a contemporaneidade ser marcada pela cultura do consumo, propagada por uma avalanche de imagens que são condensadas e assimiladas prontamente por grande parte da população, quase sempre sem nenhum critério reflexivo e crítico.

É comum observar por parte da maioria dos jovens a familiaridade com o universo da cultura visual, em meio a dispositivos midiáticos com conexão em tempo real, repletos de aplicativos e de imagens os tornam consumidores fervorosos de imagens produzidas e compartilhadas nesse universo. E este movimento é também perceptível na escola onde se tornou corriqueiro a fala de professores reclamando sobre o uso exacerbado do celular, smartphones, ou tablets durante as aulas. Além da exposição e compartilhamento de imagens fotográficas, vídeos, registros dos próprios estudantes ou de outros. Os estudantes são estimulados a todo instante por vários meios a serem usuários efetivos dessa linguagem oriunda do visual, nesse aspecto a perspectiva da cultura visual como base teórica para o estudo da produção e leitura de imagem é coerente na contemporaneidade. Em concordância com Mirzoeff (2003) em que a cultura visual é vista como uma tática para estudar a genealogia, a definição e as funções da vida cotidiana pós-moderna a partir da perspectiva do consumidor, mais que do produtor. Segundo ele, "La cultura visual no depende de les imágenes em si mismo sino de la tendencia moderna a plasma em imágenes visualizar la existência."(MIRZOEFF,2003; p.23).

É imprescindível que a Escola, sendo espaço culturalmente responsável pela transmissão dos conhecimentos produzidos ao longo da história humana se aproprie dessa linguagem imagética de modo a permitir que as imagens e artefatos visuais se constituam como um processo desencadeador de reflexão e possibilidade para formação crítica de sujeitos leitores e produtores de

textos diversos. Embora a presença do texto imagético na escola é perceptível em diversas práticas escolares, o que se observa, no entanto, é que tais práticas não são habituais e quando acontecem não são realizadas de modo a permitir que as imagens se constituam de fato, como fonte de reflexão e possibilidades formativas, pois ainda é precária a utilização dessas representações e produções sob a perspectiva da transversalidade e transdisciplinaridade como já postulam os PCNs e as Orientações Curriculares.

O intento dessa pesquisa foi o de responder de que modo às produções visuais elaboradas pelos aprendentes impactam no desenvolvimento destes, enquanto sujeito leitor e cultural? E como objetivos norteadores têm-se, o geral: Compreender o papel das produções visuais no processo de constituição cultural e leitora dos sujeitos. E os específicos: analisar as produções visuais (álbuns fotográficos) com o intuito de perceber sua relevância na constituição do sujeito cultural e leitor/ proficiente de textos de natureza imagético/verbal; identificar o perfil dos estudantes que participam do projeto Educação Patrimonial Artística (EPA) na unidade escolar; analisar os materiais coletados, refletindo sobre o seu potencial sócio educativo – interpretativo sob a perspectiva da compreensão crítica da cultura visual.

O texto em questão se limita a apresentar os resultados concernentes ao primeiro objetivo especifico dessa pesquisa, que se dizem respeito à análise dos álbuns já elaborados pelos estudantes no Colégio Estadual de Quixabeira correspondente a edições do projeto estruturante EPA nos anos 2013, 2014 e 2015, num total de nove (09) artefatos visuais.

PERCURSO METODOLÓGICO

Esse estudo se fundamenta na abordagem qualitativa, que de acordo com André e Ludke (1986; p.11 a 13) se caracteriza por ter um ambiente natural como sua fonte direta dos dados e pesquisados como seu principal instrumento. Há uma predominância para a descrição dos dados. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Por isso, nessa abordagem há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes. E por fim, o tratamento dispensado as informações, dados coletados tende a seguir um processo indutivo. Em consonância com essa abordagem, a pesquisa em questão é qualitativa porque foi realizada num contexto de vivência dos sujeitos, o Colégio Estadual de Quixabeira; e, são as impressões desses sujeitos, a

partir da experiência de construção dos álbuns fotográficos do projeto EPA fundamentais na elaboração das categorias de análises, o que denota a relevância da compreensão dos sujeitos quanto seus processos de leitura e produção (imagética) no decorrer.

E ainda, se enquadra como um estudo de caso porque embora as produções visuais ocorram em muitos espaços escolares, o processo de construção desses no Colégio Estadual de Quixabeira torna-se particular por compreender singularidades desta unidade. Tais como, a escola é única do município que oferta o ensino médio, sua clientela compreende alunos da sede, de outros distritos e do campo o que torna relevantes os traços socioculturais desses sujeitos. De acordo com Yin (2001) o estudo de caso visa compreender e explicar dinâmicas estabelecidas em atividades da vida real que se apresentam demasiado complexas para serem abordadas por designs do tipo experimental. Por isso descrever e compreender o contexto da vida real no qual ocorreu ou ocorre uma dada intervenção e avaliar e compreender se essa determinada intervenção e seus resultados não são suficientemente claro é a finalidade do estudo de caso.

Nesse percurso os procedimentos escolhidos para coleta das informações foram à formação de um **grupo de discussão** com os sujeitos aprendentes que participaram do projeto estruturante EPA, além de uma **entrevista semiestruturada** com alguns dos sujeitos a fim de que seja possível a triangulação dos dados. Além desses dispositivos junto aos sujeitos da pesquisa, foi realizada a descrição interpretativa, pela pesquisadora, dos álbuns fotográficos do EPA do Colégio Estadual de Quixabeira, essa reflexão da qual o presente trabalho é fruto é de inspiração hermenêutica que possibilita a visão mais clara dos fenômenos e eventos que se delineiam no questionamento da própria realidade. Ghedin (2012, p. 2) destaca que a hermenêutica é este esforço humano de compreender a sua própria maneira em que compreende.

Assim o primeiro momento deste estudo se materializou na visualização e analise interpretativa dos álbuns fotográficos do EPA elaborados nas edições referentes aos anos 2013, 2014 e 2015, a fim de observar o senso estético impresso pelos estudantes na confecção desses artefatos, conforme descrita nos resultados.

ENTRE IMAGENS E CLICKS FOTOGRÁFICOS

O apelo que as imagens exercem sobre as pessoas está no fato de que a atração pelo visual é imediata, é no primeiro olhar não depende de compreensão, é instintivo. Goés (2009, p.20) afirma

que o ser humano passou a criar a partir de olhar tudo o que o rodeava. “Se o homem não visse, não sentisse, não pensasse, não teria criado e feito descobertas contínuas cuja cadeia não se interrompe e prossegue até hoje: a imagem”. Por isso o processo de midiatização da imagem faz crescer vertiginosamente os processos de venda e compra de produtos, serviços, que de certa maneira estão atrelados à manutenção ou uma suposta aquisição do *status quo* vigente, agregando valores econômicos e sociais que denotariam posição de destaque nas sociedades. Assim, a função apelativa associada às imagens torna-se essencialmente importante para a comercialização de ideias e conceitos materializados nessa linguagem (imagética) o que colabora incisivamente na expansão dos mercados em todo globo.

Mediante as tecnologias digitais amplia-se o contato com processos imagéticos, favorecendo a elaboração de narrativas visuais, que conforme Martins (2009, p. 33) são manifestações orais, escritas, sonoras e visuais que se organizam a partir de uma sucessão de episódios ou ocorrências de interesse humano que integram uma mesma ação. Dessa maneira, narrar significa contar algo do mundo, sobre outras pessoas ou sobre si mesmo e no trato com imagens isto diz respeito à experiência com as visualidades, ou seja, o processo de leitura de imagens.

Por um longo tempo a fotografia foi utilizada como arte de comunicação, ou documento histórico, ilustração, recordação familiar, ou objeto publicitário e mercadológico. Na atualidade é usada por milhares de pessoas no planeta, que a cada momento postam e compartilham fotografias nas redes para grupos de amigos, familiares ou “estranhos” instantaneamente como registros visuais de momentos que os produtores consideram interessantes de suas vidas que está sendo vivenciado no presente. Assim sobre o uso das fotografias digitais é pertinente pensar sobre quais sentidos as fotografias encerram nos processos de criação pelos sujeitos na atualidade. E que implicações isso pode acarretar para o processo de leitura e produção visual na escola. Tendo em vista Benjamin (1994; p. 94) quando dizia que tudo nas primeiras imagens era organizado para durar, mas na atualidade com a tecnologia digital e espaço virtual (diria *ad infinitum*) a preocupação não está no durável, mas apenas no visto no “agora” das imagens.

É relevante pensar que a linguagem fotográfica é conotativo por isso esse processo deve ser compreendido pelo viés da crítica da cultura visual em que no ato da leitura imagética deve-se levar em conta a relação entre o texto e a experiência social e individual do leitor. Observando que a fotografia, também produção dessa cultura visual, engendra intencionalidades e discursos que

influência na formação de atitudes, crenças e valores dos estudantes, bem como em suas interpretações a respeito das representações nos contextos inseridos. De acordo com Sontag (2004; p. 14) "Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento e, portanto, ao poder". E neste processo a palavra que antes dirigia as relações de sentidos no mundo, materializada pela escrita, possui uma lógica de apreensão e recepção própria, que não pode ser transferida para a interpretação das imagens fotográficas, como foi empreendida por alguns teóricos

Dessa maneira a experiência com a linguagem fotográfica é para Hernández (2007; p.55) criar uma alternativa para a concepção educativa que se centra apenas no "decifrar" em categorias normativas e na leitura das representações visuais portadoras de verdade. Ainda mais, quando se sabe que a fotografia é um fragmento de um momento temporal de uma realidade que não mais existe, embora se comprove na ausência registrada. "Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir" (SONTAG, 2004; p. 14). O que está em consonância também com Manguel (2001; p. 93) quando afirma que toda fotografia (ampliada, cortada, tirada de determinado ângulo, ilumina de certa forma) cita a realidade de maneira deturpada.

A relação dos jovens, em especial, com a fotografia em meio a tantas imagens veiculadas pela mídia e o acesso a dispositivos tecnológicos contribui incisivamente na reprodução e também produção de imagens. O acesso a câmeras digitais dos celulares, cada vez mais sofisticados permitem a manipulação fácil e com qualidade de imagens em forma de vídeos e fotografias. A câmara frontal dos smartphones possibilita a fotografia tirada pela própria pessoa num processo de autorretrato, denominada de *selfie*, termo em inglesa para "eu", "própria pessoa", que no idioma português se assimilou como um neologismo em referência ao termo *self-portrait* que significa autorretrato, e que hoje já faz parte do cotidiano entre os jovens e também adultos, de diferentes classes. É uma mania que "virilizou" todo o globo. Isto porque o objetivo dessas fotografias está na publicação instantânea nas redes sociais.

As "selfies" evidencia a dinâmica da cultura visual aonde ao mesmo tempo em que o personagem da foto se exibe, ele próprio é o produtor e reprodutor da (auto) imagem nos compartilhamentos aos outros. E não importa qual a situação ou cenário este sujeito está durante a produção da fotografia o relevante aí é ser o mais inusitado possível para que o número de "curtidas" seja sempre maior, parâmetro usado nas redes para definir o grau de popularidade de seus

usuários.

As produções visuais que os estudantes realizam com registros fotográficos de seus lugares, se insinuam como história a serem contadas por isso cada álbum fotográfico produzido nesse projeto se constitui como narrativas em que os estudantes são ao mesmo tempo responsáveis por criar a sequência nos quadros imagéticos dando uma dinamicidade própria das narrativas, e também por contarem essa história, tornando-se narradores. E assim como em qualquer outra, narrativa, seja oral, escrita ou visual, o que a faz ser especial, marcante para os seus leitores-espectadores é além do poder dos fatos e imagens da própria trama, os artifícios e poder de encantar do narrador.

RESULTADOS

Entende-se que projeto estruturante EPA busca uma formação cultural dos alunos a partir da construção de produções visuais, no caso especifico álbuns fotográficos sobre os seus lugares, com fotografias do patrimônio cultural (material ou imaterial) de suas localidades. Há críticas a respeito do projeto como não foi uma proposta dialogada com professores, os prazos referentes a cada etapa não é flexível, não houve ainda a discussão aprofundada sobre as questões curriculares como adequação do planejamento e tempo na escola o que poderia oportunizar uma ação mais participativa dos alunos ao longo do ano.

Entretanto, mesmo com varias fragilidades, a proposta se mostra inovadora e relevante já que trata de questões voltadas para a pesquisa sobre o patrimônio (imaterial e material) cultural de cada lugar, usando a fotografia como registro narrativo. Esses registros feitos através do celular do próprio aluno aguçar percepções sobre o "ver" o seu lugar, aquilo que sempre esteve ali, mas agora visto com um olhar estrangeiro, que por vezes se mistura com o reconhecimento do que é familiar, ao longo do processo.

Desde o ano 2013 o Colégio Estadual de Quixabeira aderiu ao projeto estruturante EPA, apenas dois álbuns foram elaborados, "Sobrevivência Local e Cotidiano Cultural" e "Pós Escravidão". No ano seguinte, em 2014, mas duas equipes d de alunos participaram com "Produtos da minha Terra" e "Epa! Olha a Feira". No ano de houve a formação de cinco equipes que elaboraram as respectivas produções: "Meu sustento, de onde vêm?", "As Praças", "O Futebol quixabeirense em sua verdadeira essência", "História da Comunidade Católica" e "Meu lar, minha

história".

Durante a observação dos álbuns chama atenção a maneira que cada um é elaborado pelas equipes de alunos participantes do projeto. A estética, entendida como percepção, é desenhada em cada álbum refletindo a intencionalidade de cada grupo relacionado a cada patrimônio cultural registrado. A confecção da capa, páginas, disposição e sequência das fotografias foram criadas com materiais diferenciados, que faz parte do cotidiano dos sujeitos. É perceptível o esforço da criatividade dos aprendentes nessa elaboração com a finalidade de que os seus futuros espectadores-leitores compreendam a importância da narrativa contada nas fotografias que se estendem nos álbuns, pois eles desejam apresentar a outros, o que há de melhor de seus lugares, de suas vivências, de suas culturas. Aí, o valor dos materiais usados se agrega a cada detalhe dado ao processo de construção dos álbuns.

Há um compromisso com seus valores ao tempo que nota-se também o empoderamento dos valores local contrapondo a lógica da homogeneização de práticas culturais que por vezes se apresenta nas ideias da globalização. Cada álbum se constitui em singularidade, pois representa a concepção e percepção dos alunos sobre seu lugar, tanto na perspectiva de quem vivencia esse contexto, e agora também na perspectiva de observador, como pode ser observado nas imagens de alguns álbuns.

Imagem 1 – Álbum: Sobrevivência Local e Cotidiano Cultural. Ano 2013.

Fonte: Registro visual feito pela pesquisadora.

Neste álbum, imagem 1, o grupo utilizou a palha de "licuri", árvore muito comum na região e que é fonte também de renda para agricultores. De seu fruto se produz principalmente o óleo, doces. E de suas palhas artesanato como esteiras, cestos, chapéus entre outros. Essas palhas trançadas serviram como capa e fundo do álbum. Internamente as fotografias foram coladas numa folha de papel microondulado, tendo tranças mais finas de palhas coladas como nas bordas do papel; há ainda separando cada eixo, um "pedaço de juta", que depois de ter sofrido o processo de

artesanal de goma, ao centro foi colado o subtítulo de cada eixo. Por conter muitas páginas, o álbum ficou bastante volumoso, talvez por isso sua estruturação lembra um fichário. Ao folhear o álbum percebe-se que a preocupação está, de fato, em mostrar o trabalho do pequeno agricultor relacionando-a com elementos naturais que são parte desse cenário.

Imagem 2 – Epa! Olha a feira! Ano 2014.

Fonte: Registro visual feito pela pesquisadora

Neste outro álbum os estudantes apresentam a feira livre de Quixabeira, suas curiosidades e relações aí estabelecidas como patrimônio cultural do município. Nas fotografias conseguiram captar as sensações das cores, dos aromas e também o tom dos diálogos que acontecem neste espaço todas as quintas-feiras. A equipe utilizou materiais como papel pardo para fazer a capa do álbum numa lembrança do solo; a chita colorida pontuando o gosto e a alegria da feira; e palitos de picolé que lembra o material usado nas barracas ou "bancas" da feira livre. E no final um pequeno varal, onde ficaram pendurados os nomes dos componentes da equipe, fazendo uma referência e ao que parece uma homenagem aos cordelistas da feira que em tempos aparecem na feira, com sua arte poética para vender seus folhetos de cordéis. Embora essa arte que é tão rica na representação popular não seja mais comum de se encontrar na região.

No álbum, imagem 3, intitulado o "Meu sustento de onde vem?" foi confeccionado por estudantes que moram na localidade de Jaboticaba, esses alunos são filhos de agricultores e pescadores que moram ou trabalham próximo a barragem de São José de Jacuípe. Essa barragem foi criada na década de 80, no intuito de ser utilizada por muitos municípios que sofriam com a falta

d'água. Porém sempre quando uma barragem é feita muitas propriedades, vilas, casas, matas e animais são destruídos e esse processo não foi diferente na região por onde passava o rio de Jaboticaba. O ser humano é incrivelmente adaptável às situações adversas que se apresentam por isso após décadas os moradores foram criando maneiras de tirarem seu sustento da barragem, onde antes era um rio.

Imagem 3 – Álbum: Meu sustento de onde vem? Ano 2015.

Fonte: Registro visual feito pela pesquisadora.

O álbum retrata as atividades econômicas que são desenvolvidas por moradores da comunidade de Jaboticaba. Como o plantio de tomate, alface, cebola dentre tantos outros, esses produtos são comercializados nas feiras livres do município e outras cidades vizinhas. Mas o maior problema causado por essa pratica é que os agricultores, alguns ainda fazem uso de agrotóxicos que além de fazer mal para saúde, afetam a natureza e as águas do rio. Além dessa atividade se percebe a presença de alguns pescadores. Para confecção do álbum a equipe utilizou pedaços de juta como suporte para colar as fotografias e fazer capa. Para as bordas utilizaram um plástico trançado em suas cores. Além disso, os alunos cobriram cada página e capa com uma rede imitando a tarrafa. A matéria que faz parte das atividades diárias desses sujeitos é posta como símbolo de representação social e do mundo desses sujeitos.

Há um senso estético próprio dos aprendentes que se imprimem em cada artefato, desde a escolha do patrimônio cultural, os materiais usados na confecção dos álbuns, a perspectiva, luz, ângulo de cada fotografia, sua disposição nos álbuns, que se materializa na própria narrativa visual.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994.

GHEDIN, Evandro. **Hermenêutica e pesquisa em educação**: caminhos da investigação interpretativa. In: A pesquisa qualitativa em debate. Anais / II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. São Paulo: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa; Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 2004. Anais (on-line).

GÓES, Lúcia Pimental e ALENCAR, Jakson (orgs). **Alma da Imagem**: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores. São Paulo: Paulus, 2009.

HERNÁNDEZ, Fernando**. Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Trad. Ana Duarte. Porto alegre: Mediação, 2007.

MARTINS, Raimundo. **Narrativas visuais**: imagens, visualidades e experiência educativas. Revista do Programa do Programa de Pós Graduação em Arte
Brasília: editora Brasil, V.8, n.1,janeIRo/junho de 2009. (p. 33-39)

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: Uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MENGA, Ludke e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação:** abordagem qualitativa. São Paulo: EPU, 1986.

MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual** . Barcelona: Paidós, 2003.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.